

A feminização das migrações. Uma análise sobre as categorias de análise.

Botero Rodriguez, Maria Paula, Demarchi Villalón, Corina Evelin y Medeiros de Castro, Cláudia.

Cita:

Botero Rodriguez, Maria Paula, Demarchi Villalón, Corina Evelin y Medeiros de Castro, Cláudia (2019). *A feminização das migrações. Uma análise sobre as categorias de análise. VII Simpósio de Pesquisa sobre Migrações. DIASPOTICS. UFRJ, Rio de Janeiro.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/corina.e.demarchi.villalon/2>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pw4h/zW6>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES

uma reflexão sobre as categorias de análise ⁴¹

FEMINIZATION OF MIGRATIONS: *a reflection of categories of analysis*

Maria Paula Botero Rodriguez⁴²

Corina Evelin Demarchi Villalón⁴³

Cláudia Medeiros de Castro⁴⁴

Resumo: Na atualidade há um aumento do número de mulheres imigrantes, fenômeno nomeado por alguns/as autores/as como “feminização das migrações”. Se, por uma parte, a relação numérica reflete em termos quantitativos a movimentação das mulheres dentro das migrações, por outra, não leva em conta outras categorias de análise que são essenciais no reconhecimento da agência das mulheres. Assim, esse trabalho se propõe a discutir o conceito de feminização das migrações desde uma perspectiva de gênero, e introduzir a orientação sexual e a agência política das mulheres imigrantes como elementos determinantes na experiência migratória.

Palavras-chave: *Feminização das migrações. Gênero. Orientação Sexual.*

⁴¹ Trabalho apresentado no VII Simpósio de Pesquisa sobre Migrações, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 27 a 29 de novembro de 2019.

⁴² Programa de Pós-graduação Mudança Social e Participação Política (PROMUSPP) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) Universidade de São Paulo (USP). mariapaulabotero@gmail.com

⁴³ PROMUSPP- EACH- USP coridemarchi@gmail.com

⁴⁴ PROMUSPP- EACH- USP claudia.medeirosc@gmail.com

Segundo a Organização das Nações Unidas (2015) desde o ano 2000 a proporção de mulheres imigrantes vem crescendo, segundo a OIM, em 2018 as mulheres representavam, no mundo, aproximadamente 124,8 milhões. Na atualidade as mulheres representam quase a metade da população internacional migrante, fenômeno conhecido por alguns/as autores/as como um processo de “feminização das migrações”. É importante considerar que esse processo é um processo heterogêneo, tanto em relação à magnitude quanto em termos qualitativos em cada contexto internacional, como no interior de cada país, onde algumas regiões atuam como emissoras e outras como receptoras de migrantes (GUIZARDI; GONZÁLVIZ TORRALBO; STEFONI, 2018, p.41).

No Brasil, de acordo com os dados da Polícia Federal coletados pelo OBMigra, em 2017 os migrantes registrados a nível nacional eram aproximadamente 100.000, sendo 60.000 homens e 40.000 mulheres. Dos 22.245 migrantes registrados no município de São Paulo, 13.235 são homens e 9.010 mulheres (SINCRE, 2018). Apesar das diferenças numéricas, a tendência brasileira acompanha a tendência global de aumento de mulheres migrantes internacionais.

Nesse contexto, enquanto pesquisadoras de processos de organização coletiva de mulheres imigrantes na cidade de São Paulo, consideramos que essa relação numérica reflete em termos quantitativos a movimentação das mulheres dentro das migrações, mas não leva em conta as categorias de análise que são essenciais na existência e reconhecimento da agência das mulheres no contexto da imigração. Assim, esse trabalho tem como intuito discutir o conceito de feminização das migrações desde uma perspectiva de gênero, e dentro desta categoria introduzir a orientação sexual e a agência política das

mulheres imigrantes como elementos que podem ser determinantes na experiência migratória⁴⁵.

Sobre a questão numérica, como sugerem vários estudos (BRASIL; ARAUJO, 2016; JULIANO, 2000; GREGORIO, 1998, 2011; MAGLIANO; DOMENECH, 2009), o aumento das mulheres na composição dos fluxos migratórios não significa que nos últimos tempos as mulheres têm migrado com maior frequência, mas pode estar vinculado ao não reconhecimento, nem registro dessas mulheres que durante muito tempo foram retratadas como acompanhantes dos maridos e/ou família no processo migratório, o que pode ter dificultado a visibilidade delas nas estatísticas.

Segundo Dolores Juliano (2012), as mulheres se deslocam por motivos muito diversos mas existem, pelo menos, três tipos de migrações que afetam de maneira específica às migrantes: as migrações por patrilocalidade, nas quais as mulheres abandonam o seu local de origem para morar no local de origem do seu marido⁴⁶; a econômica⁴⁷ que, embora também afete os homens, o faz de maneira diferente se levarmos em conta a divisão social de tarefas por sexo, a distribuição da herança, a informalidade do mercado laboral, etc; e, por último, o «refúgio por motivos de gênero», que faz referência às migrações de mulheres com status desvalorizado nas sociedades de origem ou cujas vidas e desejos resultam incompatíveis com as tradições (matrimônios indesejados, trabalhadoras sexuais, mães solas e vítimas ou ameaçadas de agressões sexuais, lésbicas e

⁴⁵ Entendemos experiência migratória de acordo com Camila Daniel (2013, p. 26).

⁴⁶ Juliano diz que a ideia da imigração feminina como dependente da masculina é baseada no estereótipo, fortemente consolidado, de que o homem em termos geográficos tem mais mobilidade do que a mulher. Segundo a autora, isto é falso já que a grande maioria das nossas sociedades é patrilocal. “Así pues, podemos hablar de mujeres estructuralmente viajeras en contraposición a la imagen estereotipada de mujeres accidentalmente viajeras” (2000, p. 382).

⁴⁷ A feminização das migrações se relaciona com processos como a feminização da força de trabalho e a feminização da pobreza (CAMACHO, 2010, p. 46), ou ainda, com a feminização da sobrevivência (SASSEN, 2013, p. 54).

mulheres com experiências afetivas não heteronormatizadas). Além disso, a autora relata motivações para a migração que são comuns à homens e mulheres.

Dessa forma, se sugere que para entender a feminização das migrações desde um ponto de vista qualitativo, é necessário desconstruir conceitos relacionados com o papel e as motivações das mulheres e reconhecer que, além do crescimento das cifras de mulheres migrantes, elas não estão migrando como sujeitos passivos nem como dependentes de um núcleo familiar específico.

Assim, o gênero, aparece como uma categoria de análise que permite levar em conta, nos estudos de migração, as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, e como aponta Valverde (2013) permite evidenciar o modo em que afeta a vida e as oportunidades das pessoas para resolverem seus problemas e dificuldades. Algumas dessas desigualdades são baseadas na forma como a migrante é representada na sociedade e o tipo de papel que ela deve performar para encaixar em um sistema heteronormativo. Em outras palavras, as mulheres imigrantes devem se adaptar a um papel de cuidado e passividade que mantenha elas dentro de uma estrutura que historicamente tem apagado sua agência política, independente da sua orientação sexual, cor ou raça.

O estudo de gênero dentro das migrações precisa ser entendido, então, não simplesmente como a presença e rol passivo da mulher ligado ao universo doméstico e sim é necessária uma visão mais ampla que como afirma Scott, inclua não só o parentesco, mas também o mercado de trabalho, a educação e o sistema político (SCOTT, 1989, p. 22):

Não tem muito sentido sustentar que as relações contemporâneas entre homens e mulheres são produtos de sistemas anteriores de parentesco baseados nas trocas de mulheres. O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco.

No entanto, apesar deste fenômeno ser um foco de atenção importante, as mulheres migrantes tem dificuldades relacionadas com o acesso a direitos sociais e recursos públicos. Sendo a migração historicamente reconhecida como uma ação feita por homens, as legislações e políticas públicas tem se desenvolvido sem levar em conta sua existência e sua agência dentro das estruturas do poder económico, político e social.

Nesse sentido, Carmen Gregorio Gil enfatiza a necessidade de pensar as migrações como “procesos generizados”, entendendo que são procesos “enraizados en la producción de desigualdades sociohistóricas y geopolíticas encarnadas en diferenciaciones socioculturales de ‘género’, pero también de ‘raza’, ‘cultura’ y ‘nación’” (2017, p. 20). Gregorio Gil diferencia a generalização de feminização das migrações no sentido de marcar, com o primeiro, a adoção de uma perspectiva feminista que pretende analisar o papel dos sistemas de gênero como princípios organizadores das migrações e das sociedades em geral, enquanto o segundo, se associa, geralmente, ao aumento ou maior visibilidade das migrações de mulheres que pode, ou não, adotar um enfoque feminista (GREGORIO, 2004, p.263). Assim, é possível focalizar as relações de poder e os trabalhos das mulheres migrantes, visibilizando sua transcendência social e econômica, e sua agência como sujeitas com projetos migratórios próprios, prestando atenção às diferenças de gênero, centrais na divisão do trabalho e na composição das migrações (2011, p. 48).

Nesse sentido, pensar as migrações desde a perspectiva da generalização permite incluir outro elemento importante no estudo das mulheres migrantes, a orientação sexual. Ser lésbica ou bissexual intensifica as opressões e cria entornos que hostilizam o cotidiano. No mercado de trabalho, por exemplo, além da desvantagem econômica as mulheres são susceptíveis a situações onde tem que tolerar o assédio sexual. Segundo Rich (2010) para se manter em seus empregos aprendem a se comportar de uma maneira heterossexual complacente e agradável porque elas descobrem que esse comportamento indica uma qualificação para ter emprego, qualquer que seja o tipo de trabalho qualificação para ter

emprego, qualquer que seja o tipo de trabalho. Do mesmo modo, as mulheres imigrantes lésbicas se veem obrigadas a tolerar essas questões, agravadas com a superposição de outros tipos de violência como a xenofobia.

No entanto, além das formas de xenofobia e racismo que se manifestam na experiência migratória das mulheres imigrantes lésbicas, segundo Esguerra (2014), ela também é atravessada pela heterossexualidade como regime, imposto pelo sistema, que com sua organização heteronormativa, impõe uma experiência apartada do desejo.

Nessa ordem de ideias, a heterossexualidade obrigatória é um dos elementos que segundo Esguerra (2014) influem na decisão dessas mulheres de migrar ou permanecer no país de acolhida e que poucas vezes é levado em conta na análise das migrações, principalmente quando se entendem as migrações como um fenômeno não multicausal ou de motivações apenas econômicas desconhecendo o sistema sexo gênero, particularmente colonial, que tem sua própria economia e é tão complexo e estruturado quanto os sistemas econômicos (2014).

Embora existam diversas pesquisas sobre imigração que aportam dados relevantes para o estudo e elaboração de políticas públicas, a fim de entender e atender esse fenômeno que atinge toda a sociedade, ainda falta o reconhecimento e a compreensão das subjetividades associadas às diversas identidades construídas a partir de realidades de gênero e sexualidade que fazem parte dos processos migratórios e que determinam o cotidiano, no caso, das mulheres que migram.

Ao mesmo tempo, é imprescindível reconhecer a centralidade da presença e agência das migrantes tanto a nível subjetivo e pessoal, quanto nos coletivos e nas instituições migrantes. Isso, significa contestar, de certa forma, o estereótipo da mulher imigrante como dependente de um sujeito masculino (marido, pai, empregador, etc), passiva, sem capacidade de organização coletiva, sem agência política.

Para entender os processos migratórios dessas mulheres, é necessário reconhecer os paradoxos presentes nos processos de imigração, suas relações com os sistemas econômicos e políticos que são heteronormativos e vão além da orientação do desejo. Pensar na migração como um fenômeno que faz parte das configurações sociais que estão representadas pelo feminino e o masculino é significativo, no entanto, tais configurações não só representam as desigualdades relacionadas com os direitos sociais, mas também as opressões que operam nas diferentes formas de existir das mulheres que não performam feminidade.

Referências

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M., Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. Relatório Anual 2018. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018.

CAMACHO, G. Mujeres inmigrantes. Trayectoria laboral y perspectiva de desarrollo humano, CLACSO, 2010.

DANIEL, C. P'a crecer en la vida: a experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro, Tese (doutorado em Ciências Sociais)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2013.

ESGUERRA MUELLE, C. Dislocación y borderland: Una mirada oblicua desde el feminismo decolonial al entramado migración, régimen heterosexual, (pos) colonialidad, globalización. Universitas humanística. Bogotá: Vol.78, No 78, p. 137-162, 2014.

GREGORIO GIL, C. Migración femenina. Su impacto en las relaciones de género. Asparkía. Investigación Feminista. Castellón, No 15. 2004.

GUIZARDI, M.; GONZÁLVEZ TORRALBO, H.; STEFONI, C. De feminismos y movilidades. Debates críticos sobre migraciones y género en América Latina (1980-2018) Rumbos TS, Santiago de Chile, año XIII, No 18., p. 37-66, 2018.

JULIANO, D. Mujeres estructuralmente viajeras: estereotipos y estrategias. Papers: revista de sociología. Barcelona, No 60, p. 381-389, 2000.

_____. Género y trayectorias migratorias. Papers: revista de sociología. Barcelona, No 97. p. 523-540, 2012. Disponible en: <http://papers.uab.cat/article/view/v97-n3-juliano/pdf>. Acceso en: 23 abr. 2017

MAGLIANO M.J.; DOMENECH, E. Género, política y migración en la agenda global: transformaciones